

BELÉM COM FISIONOMIA DE METRÓPOLE: DAVID LOPES E A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA NOS ANOS 40

BELÉM WITH METROPOLE PHYSIONOMY: DAVID LOPES AND ARCHITECTURAL PRODUCTION IN THE 40s

 Cybelle Salvador Miranda ¹

 Beatriz Martins Maneschky ²

¹ Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, cybelle@ufpa.br

² Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, beatrizmaneschky@outlook.com

Resumo

Este estudo teve como objetivo principal a investigação da produção arquitetônica na Belém dos anos 1940, no período em que as primeiras construções modernistas surgiam em forma da verticalização da Avenida 15 de agosto e a linguagem neocolonial, inspirada do conceito de identidade nacional, despontava, ambas convivendo com as edificações ecléticas. Para isto, realizou-se esta análise à luz da produção do Arquiteto português David Ferreira de Oliveira Lopes (1911-1987), premiado profissional atuante nesta década na cidade, de forma a notar os trânsitos culturais transatlânticos expressos na Arquitetura. Foram adotados modelos para que estas arquiteturas pudessem ser compreendidas sob a perspectiva da modernização da cidade e das influências entre Portugal e Brasil. Perspectiva essa que norteava a Arquitetura não somente como o desenho do espaço, do habitar e do frequentar, mas como uma das Belas Artes, não à toa eram realizadas premiações aos melhores projetos de arquitetura da cidade, nos chamados Salões Oficiais de Belas Artes do Estado do Pará, tendo sido o próprio David Lopes homenageado com diversas destas premiações. Trazer à luz as obras e projetos deste arquiteto permite entender o longo processo em que o tradicionalismo se conjugou aos anseios de modernização na produção da metrópole da Amazônia durante o século XX.

Palavras-chave: Cultura arquitetônica. Relações luso-brasileiras. David Lopes. Belém-PA..

Abstract

The study investigates the architectural production in Belém of the 1940s. It was the emergence of the first modernist constructions whereby verticalization of 15 de Agosto Avenue and the rising of the neocolonial language, inspired in the concept of national identity, both of these languages living along with the eclectic edifications. In order to notice the transatlantic cultural exchanges expressed in architecture, this analysis was based on the Portuguese architect's production, David Ferreira de Oliveira Lopes (1911-1987), a remarkable professional. He worked in Belém in the given decade. Models were adopted so that these architectures could be versed under the perspective of the commissioning clientele and the influences between Portugal and Brazil. This perspective guided the architecture not only as of space's design, nor as to the layout of living or being, but as one of the Fine Arts. For this purpose, prizes were awarded to the best architecture projects in the town, in the so-called Salões Oficiais de Belas Artes do Estado do Pará, and David Lopes himself was honoured with several of these prizes. Studying those architect's projects allow us to understand the process by which traditionalism joined the aspiration of modernization of the Amazon metropole.

Keywords: Architectural culture. Luso-brazilian relations. David Lopes. Belém-PA..

Contribuição dos autores:


CSM: conceituação, investigação, metodologia, administração, de projetos, supervisão, validação, visualização, escrita - rascunho original, escrita - revisão e edição. **BMM:** conceituação, análise formal, investigação, visualização, escrita - rascunho original.

Fomento: Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Declaração de conflito: nada foi declarado.

Editor Responsável:

Rafael Urano Frajndlich 

How to cite this article:

MIRANDA, C. S.; MANESCHY, B. M.. Belém com fisionomia de metrópole: David Lopes e a cultura arquitetônica nos anos 40.. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 12, p. e021018, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/parc.v12i00.8657329>



Introdução

Este artigo integra o projeto de pesquisa Belém dos ecletismos: Arquitetura na cultura da metrópole amazônica, o qual estuda a produção cultural eclética no auge da economia local, com a exportação da borracha despontando no cenário internacional, em finais do século XIX e princípios do século XX. Neste artigo, busca-se compreender o período que representa a transição entre a produção historicista e os princípios do modernismo na arquitetura em Belém do Pará, inscrita em sua conjuntura socioeconômica e cultural, tendo por estudo de caso projetos do arquiteto português David Ferreira de Oliveira Lopes. Pode-se notar que a linguagem empregada pelo mesmo apresenta linhas neocoloniais, ainda vinculada a técnicas e repertórios ecléticos.

Ao investigar a atuação do arquiteto português David Lopes, abriu-se um panorama da relevância dos comerciantes portugueses na promoção da modernização de Belém. A colônia portuguesa no Pará, reforçada por fluxos migratórios no século XIX e início do século XX, manteve seu protagonismo na sociedade belenense. A família Ferreira Gomes, influente no comércio da cidade e aparentada de David Lopes por casamento, fazia parte deste núcleo.

Segundo o Catálogo do VIII Salão Oficial de Belas Artes do Estado do Pará, no ano de 1947, o arquiteto:

(...), [nasceu] em Ribeiradio, Portugal, no ano de 1911; estudou arquitetura e urbanismo na Bélgica (...). Projetou e fiscalizou a construção do Pavilhão do Instituto do Vinho do Pôrto na Exposição Internacional de Bruxelas, de 1935. Trabalhou com o arquiteto Armand Cornut na elaboração do projeto para o monumento ao Rei Alberto I e Estação do Midi em Bruxelas. Compareceu aos Salões de Belas Artes do Pará em 1940 – 2º Prêmio; 1941, 1942, 1943, 1944 e 1947 – 1º Prêmio (PARÁ, 1947).

Acredita-se que Rafael Ferreira Gomes, pai de Lucília, enquanto diretor do Banco do Estado e sócio de uma empresa de ferragens, possa ter transferido a sede regional do banco para o edifício Dias Paes no ano de 1941, já que, segundo informações extraídas no Banco do Estado do Pará (Banpará), que atualmente ainda possui parte de sua administração funcionando no referido edifício, a Regional havia funcionado entre os anos de 1941 a 1969 em salas situadas no 2º andar do edifício, antes de ocupá-lo em sua totalidade. A autoria atribuída a David Lopes por Alcyr e Aurélio Meira não são confirmadas por Chaves e Miranda (2016, p. 12), que a atribuem ao engenheiro Antônio Braga. Caso fosse confirmada idealização do projeto a David Lopes, facilitaria a compreensão da proximidade entre os portugueses da época.

Outrossim, o edifício Manoel Pinto da Silva, o mais conhecido prédio moderno da cidade de Belém, fora iniciativa de um rico comerciante português, proprietário da Automobilista, demonstrando mais uma vez o caráter empreendedor dos portugueses na cidade, ainda que em um cenário pouco favorável e de escassez de empreendimentos verticais. Obra do arquiteto Feliciano Seixas, um dos poucos atuantes na cidade, o projeto possuía inéditos 26 andares no ano de 1959, sendo considerado o 4º edifício mais alto do Brasil (MELLO, 2007, p. 72).

No edifício Lóide Brasileiro, o arquiteto David Lopes optou pelo estilo neocolonial com influências Art Decò. Na reportagem do jornal A Província do Pará, este projeto é descrito como “o primeiro prédio de todo o país, que manterá as suas linhas arquitetônicas dentro de um estilo colonial autêntico” (IMPONENTE..., 1948). O estudo dos projetos deste arquiteto contribui para o melhor entendimento da presença do tradicionalismo concomitante à modernização do centro urbano de Belém, onde os

novos traços arquitetônicos afluíam e aspiravam uma modernização e transformação da capital paraense em uma metrópole amazônica (Figura 1).

Figura 1 - Perspectiva do edifício Lóide Brasileiro, desenhada pelo arquiteto David Lopes



Fonte: (IMPONENTE ..., 1948, p. 8).

Contudo, diversos projetos do arquiteto não foram edificados, ou o foram tardiamente e com uma considerável simplificação, como o caso da Praça Pedro Teixeira. O caráter memorialista da Praça é assinalado em artigos publicados em A Folha do Norte pelo membro da colônia portuguesa no Pará, Eugênio Leitão de Brito, na época presidente do Grêmio Literário português, pela comemoração dos 350 anos da fundação de Belém. A chegada da estátua, esculpida em Portugal por Antonio Duarte com participação do arquiteto David Ferreira Lopes, possui cabeça em bronze e demais membros em mármore. Uma comissão da comunidade portuguesa do Pará fora a Lisboa ter entendimentos com o arquiteto David Lopes sobre o projeto, o qual não cobrou honorários. Depreende-se que este tenha sido uma simplificação do projeto original elaborado junto com Augusto Meira Filho, o qual não foi concretizado. Os engenheiros Meira Filho e Laurindo Amorim foram os responsáveis pelas obras da praça e da montagem do monumento (BRITO, 2000).

Portanto, este artigo adotou o método qualitativo, tendo por base pesquisa bibliográfica e documental, realizada em acervos públicos e privados, acrescida pela coleta de informações com os arquitetos Alcyr Meira e Aurélio Meira, a fim de investigar a parceria entre David e Augusto Meira Filho, respectivamente tio e pai destes arquitetos. Optou-se pela análise de três projetos: a Praça Pedro Teixeira, o Estádio Municipal de Belém e a residência Otávio Meira, esta a única efetivamente construída.

O limiar entre as concepções ecléticas e modernas na Belém entre os séculos XIX e XX

De acordo com Kessel (1999, p. 65), o “estilo neocolonial”, liderado principalmente por Ricardo Severo, nasce como oposição ao ecletismo na busca por gerar uma linguagem arquitetônica genuinamente autóctone. Todavia, na perspectiva nacional, o Neocolonial teve sua visibilidade afetada pela supremacia do Movimento Moderno, como afirmam Sarquis e Neto (2003):

Com a afirmação de uma corrente hegemônica no segundo pós-guerra – centrada no modernismo carioca e paulista, e para a qual foi reivindicado o título de Arquitetura Moderna Brasileira, reiterado por grande parte da historiografia (XAVIER, 1987; FICHER; ACAYABA, 1982; CAVALCANTI, 2001) – as demais vertentes dessa produção permaneceram em relativa obscuridade (SARQUIS; CAMPOS NETO, 2003, p. 29).

É relevante ressaltar que, a partir da década de 1920, iniciou-se uma

acirrada discussão nos meios profissionais e culturais a respeito da orientação a ser conferida à edificação brasileira – a qual não pode ser desassociada de debates simultâneos sobre a construção do país, a formação da nacionalidade e o delineamento de uma identidade local (SARQUIS; CAMPOS NETO, 2003).

Ainda que o neocolonial buscasse o deslocamento da matriz europeia, o estilo também possuía um “ideário posteriormente identificado como conservador, elitista e tradicionalista” (KESSEL, 1999, p. 68). Ou seja, na mesma medida em que o estilo neocolonial busca uma posição de vanguarda, seus construtores ainda resguardam ideais conservadores.

Este ideário elitista é identificável, por exemplo, na característica da utilização da linguagem neocolonial em Belém como demonstração visual do status social, visto que as famílias mais abastadas da cidade eram influenciadas pelos catálogos das revistas que os construtores (mestres de obras e engenheiros) usavam como base na elaboração das residências (AZEVEDO, 2015, p. 34). É interessante citar que tais referências eram comuns na cidade desde a linguagem eclética, como afirma Soares,

uma opção para atender o gosto especial e refinado de seus clientes [na Belém da Belle Époque] foi a utilização de catálogos, que facilitavam a escolha dos materiais. (SOARES, 2008, p. 108)

Assim como no ecletismo, o neocolonialismo também possui o uso de elementos e formas de estilos anteriores, o que provocou uma desconformidade entre os teóricos. Críticos como Ricardo Severo e José Mariano Filho consideravam o Neocolonial como um estilo, devido apresentar ideologia própria. Por outro lado, outros estudiosos reiteravam que o neocolonial deveria ser considerado vertente, uma vez que mesclava estilos anteriores (AZEVEDO, 2015, p. 229-230). Segundo Bispo

Os neocoloniais, numa visão saudosista, defendiam uma continuidade do passado e uma reprodução dessa arquitetura no presente, de maneira estilizada e misturadas às conquistas recentes no campo arquitetônico. (BISPO, 2011, p. 45)

Por isso, entre as décadas de 1930 e 1960, a expressão da modernidade é identificável como um apanhado de demonstrações culturais e artísticas que buscavam apresentar elementos modernos, clássicos, regionais ou nacionais, em diferentes graus.

O Pará amplia seu espaço econômico-industrial mundial devido a produção e exportação do látex a partir do final do século XIX. Em decorrência dessa mudança econômica, a sociedade paraense vivencia modificações políticas e socioculturais: os seringalistas formaram uma nova elite que contribuiu não somente para a introdução de novos hábitos de vida, como também em uma reorganização do espaço urbano (SARGES, 2002, p. 82-83).

De acordo com Meira (2008, p. 25), durante o período de 1897 e 1912, as ações de modernização patrocinadas pelo Poder Público implantaram um novo cenário na cidade. As faces da chamada Belle-Époque estampavam a cidade, a partir da

implantação das novidades tecnológicas europeias na cidade amazônica, principalmente em relação à construção civil, quando despontam os primeiros palacetes ecléticos em Belém.

Contudo, após o aumento da concorrência mundial da borracha como consequência do cultivo do látex nas colônias inglesas do sudeste asiático, a Amazônia enfrentou um momento de relativa estagnação econômica (MEIRA, 2008, p. 32). Belém defrontou graves problemas sociais, como subúrbios carentes de equipamentos urbanos e uma crise das habitações (AZEVEDO, 2015, p. 67). Apesar disso, a partir da década de 1930, a capital paraense era vista como uma cidade cosmopolita que apresentava notável desenvolvimento, ainda que parcimonioso:

Mesmo com a sociedade padecendo com políticas públicas ineficientes, na área da arquitetura a linguagem neocolonial passa a tomar certa tendência de valorização social, que, por vezes, causavam até espanto por apresentarem fachadas rebuscadas, escalas reduzidas, inovando na conformação das plantas baixas e outros (AZEVEDO, 2015, p. 67).

A partir da década de 1940, o Estado Novo buscou fortalecer os valores e recursos econômicos brasileiros. Em âmbito estadual, o governador do Pará na época, Magalhães Barata, incentivava as indústrias locais, setorizadas majoritariamente nos bairros do Reduto e Umarizal. O intuito era amortecer os impactos da crise da borracha belemense (GOMES, 2009, p. 13).

Ao longo dos anos de 1939 a 1945, no período da Segunda Guerra Mundial, houve um planejamento do Estado para alavancar a economia da borracha novamente. Neste contexto, os Estados Unidos se comprometeram em investir capitais na borracha nativa em troca da fixação de um preço base. Com isto, Belém recepcionou a chegada de imigrantes influenciados pela propaganda do Estado, o que impulsionou novos investimentos e capitais na cidade (GOMES, 2009, p. 14).

Segundo Chaves e Miranda (2016, p. 2), a década de 1940 é um momento de “novas ideias para o desenvolvimento e soluções para desequilíbrios urbanos que cresciam na cidade”, tal como o “Plano Urbanístico da Cidade”, idealizado pelo engenheiro Jerônimo Cavalcanti, norteando organizar o crescimento de Belém e a chegada do “desenvolvimento”. Um dos maiores exemplos desta modernidade é a Avenida 15 de agosto, símbolo da verticalização na década de 40 do século XX, como afirma Chaves:

Em um período de recesso econômico, percebe-se uma administração municipal bastante preocupada em encontrar meios de dotar a cidade de um aspecto monumental em sua arquitetura. Nasce em Belém, centrado na avenida 15 de agosto, um processo bastante ousado e, por que não dizer, forçado de verticalização (...). (CHAVES, 2011, p. 51)

Foi neste contexto econômico e sociocultural que David Lopes chegou à Belém entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, quando buscou se integrar à sociedade paraense da época, em busca de clientes. Um dos poucos arquitetos na cidade, foi assim que se aproximou do engenheiro Augusto Meira Filho, com quem criou grandes laços profissionais e de amizade. Segundo Aurélio e Alcyr Meira (filho e sobrinho do engenheiro, respectivamente) a interação entre Augusto Meira Filho e David Lopes iniciara no projeto da residência Otávio Meira.

David Lopes e a arquitetura em Belém nos anos 40 do século XX

Para melhor compreender a produção da arquitetura na capital paraense no período em questão, fora necessário compreender o contexto socioeconômico que influenciava nos padrões culturais adotados pelos grupos encomendantes, a partir do cruzamento de documentos e depoimentos.

A profissão do engenheiro abrangia o projeto arquitetônico e os demais projetos complementares, de modo que a contratação deste profissional se mostrava uma escolha mais rentável para o cliente em relação ao arquiteto, uma vez o mesmo concebia todos os projetos por um preço mais econômico.

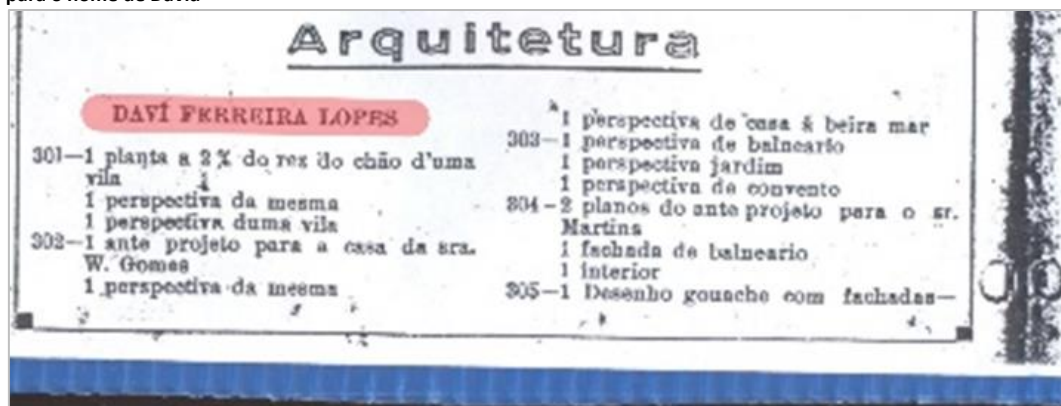
Havia carência de revistas brasileiras de arquitetura que pudessem fornecer um arcabouço fecundo de inspirações. Ademais, o material didático utilizado nas aulas eram apostilas de estudo redigidas pelos professores e distribuídas aos alunos. A partir deste fato, observa-se uma relação mestre-discípulo, semelhante a estruturação do ensino arquitetônico encontrado em Lisboa, a qual apresenta um caráter fundamentalmente prático e que já implica uma formação do aluno em alguma área de atuação (SILVA, 2011).

Por isso, os profissionais da época atuavam com aquilo que absorviam ao longo do curso, principalmente no que se refere aos fundamentos da arquitetura, como ritmo, espaço, função, escala etc, de modo que a atuação estava muito atrelada ao papel das Belas Artes.

Exemplo disto era a realização dos chamados Salões Oficiais de Belas Artes, promovidos pela Sociedade Artística Internacional (SAI), organizada por Augusto Meira Filho, o qual a administrava com pequenas contribuições individuais que apoiavam o fomento à cultura. A SAI realizava espetáculos, corais, concertos, balés, entre outras atividades artísticas, como o Salão Oficial. Estes Salões obtinham o apoio do Governo do Estado.

Este evento premiou o arquiteto David Lopes em 1940, 1943, 1944, 1947 e 1948, dentre os projetos e obras apresentados, havia desde desenhos em guache ou perspectiva, até anteprojetos completos ou projetos arquitetônicos como o Edifício Lóide Brasileiro e o Estádio Municipal. Isto indica a relação da Arquitetura entre as Belas-Artes, categorizando na mesma premiação desenhos em guache e projetos arquitetônico (Figura 2).

Figura 2 - Trecho de panfleto original dos nomes dos premiados do Salão Oficial de Belas Artes do ano de 1940. Destaque para o nome de David



Fonte: Sociedade Artística Internacional, 1940.

Vale ressaltar o talento e a habilidade para o desenho que o arquiteto português apresentava, sendo enaltecido pelos Salões de Belas Artes.

É possível observar que a partir da década de 1940, os engenheiros, arquitetos e projetistas buscaram romper com a arquitetura vigente, principalmente a de linguagem eclética. Como afirmam Tutyia e Matos (2007, p. 4), a cidade pós-eclética toma forma a partir dos anos 40, através da promoção do próprio Estado por meio de obras públicas. Além disso, surgem novos grupos sociais formando uma nova burguesia. Segundo Vidal (2008):

(...) no auge da ideologia do desenvolvimentismo, a produção do espaço privado passaria paulatinamente a ser representada a partir de novas composições. Estas expressavam o sentido de modernidade dos novos grupos sociais, (...) alguns deles oriundos de famílias que tinham enriquecido com a extração da borracha (...) (VIDAL, 2008, p. 145).

Ademais, a produção da arquitetura amazônica passou a desenvolver características próprias, não somente de acordo com os gostos desta nova burguesia, ou baseada em catálogos, como também pela forma como os projetistas absorveram as linguagens e os estilos de maneira a criar uma identidade regional. Segundo Chaves (2008, p.147), as medidas e regulamentos edificatórios e urbanísticos eram limitados e de pouco alcance.

É neste cenário que o arquiteto português David Lopes inicia sua atuação profissional na capital do Pará. Segundo Aurélio Meira, o arquiteto chegou à Belém por influência da colônia portuguesa que habitava na cidade amazônica. Casado desde o final de década de 1930 com Lucília Gomes Lopes, filha do Sr. Rafael Ferreira Gomes, proprietário da firma Ferreira Gomes Ltda e diretor do Banco do Pará (JORNAL DO BRASIL, 1944, p. 8), um dos membros da colônia portuguesa em Belém. Provavelmente devido ao prestígio da família de sua esposa e às propagandas de investimentos na cidade, o português despontou no contexto arquitetônico da década de 1940.

Como dito anteriormente, a década de 1940 é marcada pelo anseio de progresso e modernização de uma nova geração que ainda amargava as dificuldades da crise gomífera. Esta nova geração buscava suas inspirações na cultura norte-americana e a partir disso Belém vivenciava a introdução de zeppelins e dos primeiros arranha-céus. Neste contexto, estava inserido o engenheiro Augusto Meira Filho, o qual fora responsável por introduzir o arquiteto David Lopes na sociedade paraense.

Juntos, os profissionais realizaram o suntuoso projeto da Praça Pedro Teixeira, a qual englobava todo o aparato administrativo municipal de Belém: intendência e secretarias. A relação de David era tão próxima à família Meira que fora indicado pelo próprio Augusto para projetar a residência de Otávio Meira, antigo prefeito da cidade de Belém e irmão de Meira Filho. Além disso, David atuou projetando edifícios para a Avenida 15 de agosto, contribuindo para o processo de verticalização da cidade ao longo das décadas em que morou na capital paraense.

Método

Esta pesquisa desenvolveu-se com base em instrumentos e conceitos da pesquisa qualitativa, com pesquisa documental efetuada em Arquivos da cidade de Belém do Pará. Foram realizadas consultas a periódicos microfilmados das décadas de 1930 a 1940. Contudo, ressalta-se que na época da pesquisa, enfrentaram-se dificuldades em relação à defasagem e falta de manutenção dos aparelhos utilizados para a leitura dos microfilmes. Por isso, a pesquisa na plataforma online da Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional Digital se tornou uma opção suplementar de pesquisa. Nesta plataforma foram encontradas informações importantes para a tentativa de compreensão do motivo da vinda do arquiteto David Lopes para a cidade de Belém do Pará, nos anos de 1940.

Além disso, foram realizadas entrevistas com o arquiteto e engenheiro Alcyr Meira, assim como também com o arquiteto Aurélio Meira, com o intuito de desenhar a biografia do arquiteto português, uma vez que a família Meira, principalmente o tio de Alcyr e pai de Aurélio, Augusto Meira Filho, compartilhava de grande amizade e relações de afeto e profissionais com David.

A partir destas entrevistas, verificou-se a necessidade de realizar um levantamento da residência Otávio Meira, localizada na Avenida Nazaré, uma vez que fora um dos poucos projetos do arquiteto português efetivamente executado e que perdura até os dias atuais. Os outros projetos foram encontrados em matérias de jornais, descritos minuciosamente pelo engenheiro Augusto Meira Filho. Além disso, informações relevantes foram repassadas nas entrevistas, tendo Aurélio Meira contribuído com uma recordação de seu pai e zelada pelo filho durante os anos após sua morte: o projeto original, desenhado à mão pelo arquiteto português, da Praça Pedro Teixeira, que será objeto de análise.

As análises dos projetos basearam-se no cruzamento entre a leitura dos desenhos técnicos e de apresentação, o memorial descritivo e as entrevistas com os depoentes, para os projetos não executados, bem como para a residência construída contamos com o levantamento técnico e fotográfico e com os relatos de memória do arquiteto Alcyr Meira. Deste modo, a perspectiva historiográfica demonstrou a relação entre ideologia de modernização e a consecução formal das obras, as quais apontam para uma transição entre o tradicionalismo e a modernização nos discursos e nas concepções de projeto.

Resultados e discussão

Os principais projetos de David Lopes na cidade de Belém do Pará

O estudo de caso abrangeu três projetos do arquiteto na cidade de Belém: a Praça Pedro Teixeira, o Estádio Municipal de Belém e a residência Otávio Meira, contemplando duas encomendas públicas e uma residência privada, sendo que os dois primeiros não foram executados.

A Praça Pedro Teixeira

Em matéria do jornal A Folha do Norte escrita pelo engenheiro civil Augusto Meira Filho e pelo arquiteto David Lopes, são abordadas as razões da concepção desse projeto bem como a composição formal da Praça Pedro Teixeira, prevista para ser locada na Avenida 15 de agosto, porém não executada (MEIRA FILHO; LOPES, 1943).

Os profissionais caracterizaram os problemas arquitetônicos mais urgentes identificados na cidade a fim de apresentar soluções eficientes. Tais paradigmas foram: estética, circulação, locação, função econômica e função social. Ao longo deste discurso, observou-se diversos apontamentos pensados pelos projetistas ainda pouco difundidos na época, principalmente no que tange ao urbanismo, como a articulação da Avenida com outras regiões da cidade e o índice de permeabilidade do terreno.

Quanto à estética, os autores afirmam que Belém vivia um acentuado movimento comercial e econômico e que a Avenida 15 de agosto constituiria um dos mais belos ornamentos urbanísticos do Norte do Brasil, tornando-se principal ponto de interesse da população e de preocupação da Prefeitura Municipal. Devido a isso, era de suma importância os projetistas expressarem em sua obra uma grandiosidade que equiparasse Belém às grandes capitais brasileiras.

Outra questão abordada é a circulação. Segundo Meira Filho e Lopes, a Avenida 15 de agosto divide o bairro do Comércio e serviria como principal artéria de ligação entre outros pontos principais da cidade, tornando-se meio de passagem dos transportes privado e público. Para resolver este impasse, os projetistas criaram uma circulação central livre de estacionamentos, para maior fluidez dos automóveis, a qual era prejudicada pelo estacionamento de carros nas horas de fluxo intenso.

Percebe-se, portanto, o caráter prospectivo do planejamento, que se antecipava a necessidades que só se verificariam muitos anos mais tarde.

O terceiro ponto ressaltado no projeto da Praça é a locação. O lote escolhido para a locação fora na Avenida 15 de Agosto entre as ruas Ó de Almeida e Manuel Barata, onde hoje atualmente está localizado o edifício do Palácio do Rádio, de autoria do engenheiro Judah Levy (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - O Palácio do Rádio no ano de 2018



Fonte: as autoras.

Os autores afirmam ainda que quase metade do terreno seria destinada à área da praça propriamente dita e outra parte para a circulação de pedestres, estacionamento de veículos e passeios. Isso demonstra uma preocupação com a inserção do empreendimento no meio urbano, solucionando a demanda por estacionamento gerada pelos edifícios verticalizados em implantação na Avenida.

Ademais, também é notável a preocupação com o índice de permeabilidade do lote, uma vez que fora reservado um terço para área verde, seguindo a classificação definida pelo professor Francisco Batista de Oliveira, engenheiro que participou ativamente no desenvolvimento das reflexões acerca das questões urbanas no período de 1930, além de desenvolver projetos urbanísticos e arquitetônicos para a cidade de Juiz de Fora (ALBERTO, 2016, p. 140), citado como referência dos autores da Praça Pedro Teixeira, não somente em relação a questões arquitetônicas, como também urbanísticas (Figura 5).

Figura 4 - Fotografia da Avenida 15 de agosto, em 1966



Fonte: Acervo do Instituto Moreira Sales.

Figura 5 - Perspectiva original do projeto, desenho do Arq. David Lopes, 1943. Nota-se a praça ao centro e as edificações emoldurando-a



Fonte: Acervo Aurélio Meira.

Na imagem anterior, a modernidade do complexo contrasta com a paisagem predominantemente horizontal da cidade à época. Identifica-se que a verticalização da cidade convivia com o desenho urbano ainda colonial, marcado por casas térreas, sobrados e palhoças (Figura 6).

Figura 6: Detalhe das casas coloniais, desenho do Arq. David Lopes, 1943. Nota-se como o arquiteto prezou em demonstrar as características da cidade na época



Fonte: Adaptado do Acervo Aurélio Meira

É possível notar que alguns dos edifícios desenhados pelo arquiteto na perspectiva ainda existem atualmente, como o caso do Edifício dos Correios, o Edifício Bern e o Edifício Dias Paes. Neste último vale ressaltar que foram encontradas certas incertezas em relação à sua autoria, Chaves e Miranda (2016, p. 11) afirmam que foi projeto do engenheiro Antônio Braga, enquanto que os arquitetos Alcyr Meira, sobrinho de Augusto Meira Filho, e Aurélio Meira, filho do engenheiro Augusto Meira Filho, afirmaram, em entrevista, que o próprio arquiteto David Lopes fora o projetista (Figura 7).

Figura 7 - O edifício dos Correios (a esquerda); o edifício Bern (ao meio) e, por último, o edifício Dias Paes (a direita), desenho do Arq. David Lopes, 1943

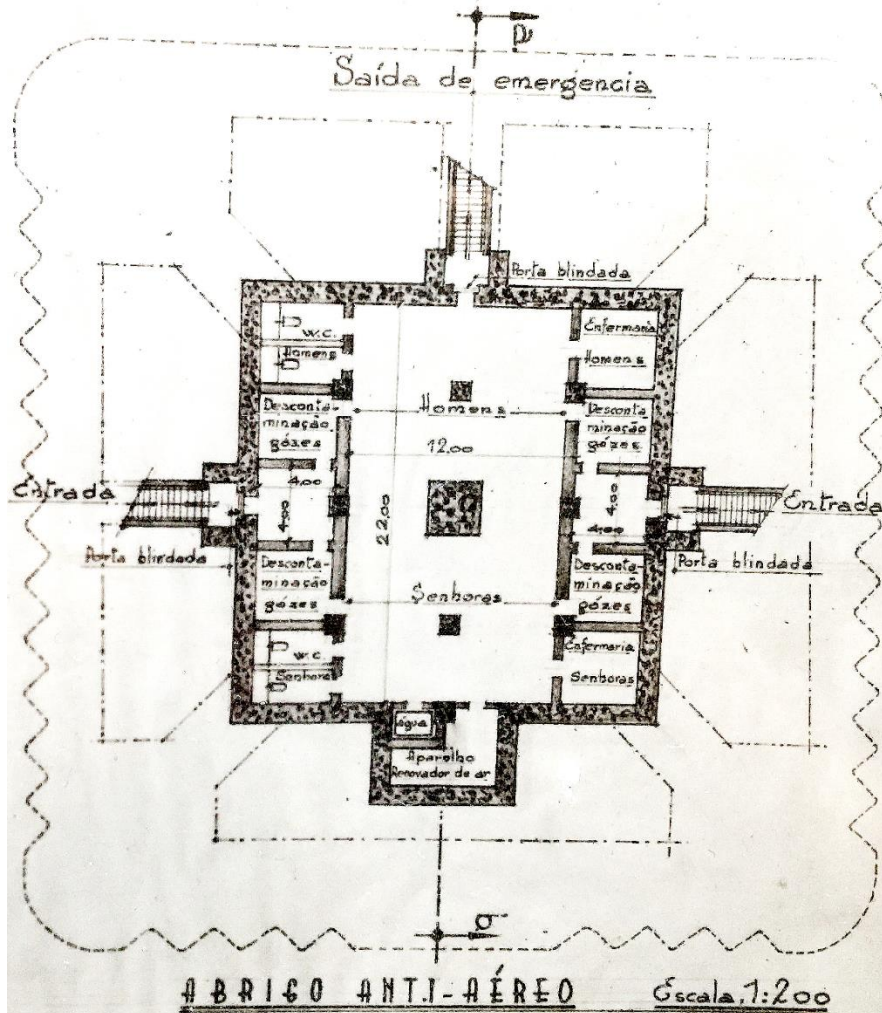


Fonte: Adaptado do Acervo Aurélio Meira.

Para a execução do plano, os autores esboçaram sua viabilidade econômica, dada a necessidade de que a Prefeitura de Belém adquirisse o terreno necessário por meio de desapropriações, calculando uma média de gastos com indenizações, as quais deveriam ser compensadas aos cofres públicos por meio das vendas dos novos apartamentos a serem construídos. Além disso, na matéria é identificada a suposta necessidade de construção de um abrigo antiaéreo, justificada em razão do contexto da Segunda Guerra Mundial, uma vez que a partir dos anos de 1940, a borracha abandona a esfera privada e se torna uma política de Estado, tanto do governo brasileiro quanto norte-americano.

O interesse estadunidense buscava a consolidação de liderança norte-americana na América Latina, a partir da chamada “Política da boa vizinhança”, os EUA, inclusive, se responsabilizaram pela construção do aeroporto de Belém, Val de Cans, para que fosse utilizado de ponte aérea em direção à Europa durante a Guerra (CHAVES, 2011, p. 44-63). Esta relação entre EUA e Belém nos anos da guerra, tornara iminente o risco de ataque do Eixo (Figura 8).

Figura 8 - Planta baixa original do abrigo antiaéreo Desenho do Arq. David Lopes, 1943



Fonte: Acervo Aurélio Meira.

A última justificativa fora a questão social. O projeto apresenta, devido à localização privilegiada, um sentido social e político, enaltecendo a personalidade do navegador português Pedro Teixeira, personagem de destaque na consolidação da conquista portuguesa da porção setentrional da colônia (FERREIRA, 2013). Do projeto e da homenagem no interesse de estreitar os laços luso-brasileiros restou a denominada Praça Pedro Teixeira, uma pequena rótula com estátua alusiva ao navegador, implantada no início da Avenida Presidente Vargas em 1966.

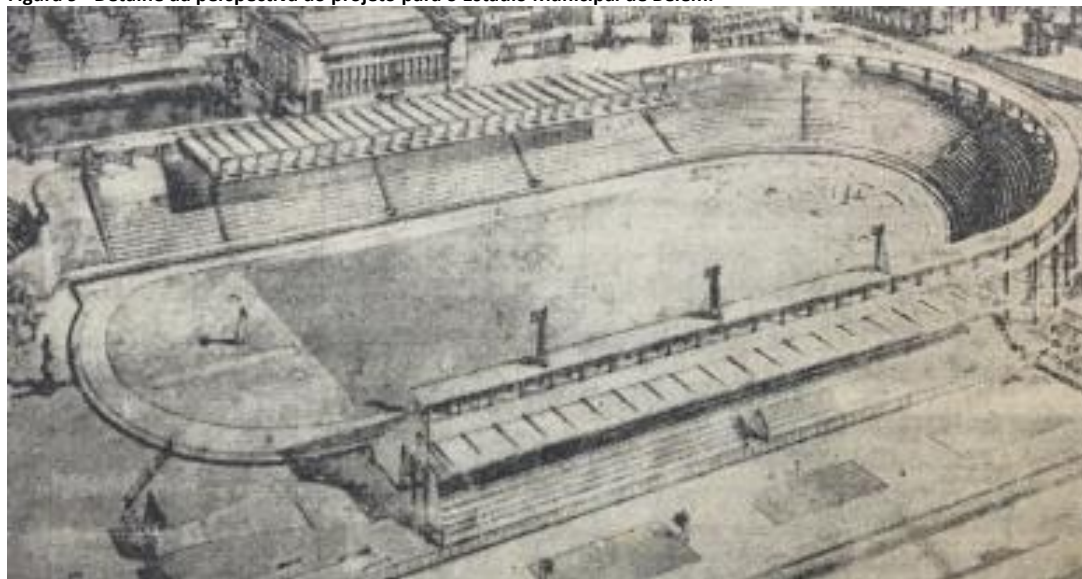
O Estádio Municipal de Belém

O Jornal A Província do Pará publica cinco matérias especiais sobre as obras do Estádio Municipal de Belém (MEIRA FILHO, 1947a, 1947b, 1947c, 1947d e 1947e), que deveriam ser iniciadas sob a administração do prefeito de Belém da época, Rodolfo Chermont, o qual pretendia angariar fundos para a construção do estádio, com participação direta ou indireta da população, em função do Campeonato Mundial de Futebol FIFA de 1950, com sede oficializada no Brasil. O projeto apresentado com diversas plantas, detalhes e maquete, assinado pelo arquiteto David Lopes e pelo engenheiro civil Augusto Meira Filho, consistia na ideia de um complexo que abrigaria a Escola de Educação Física, o Ginásio e o Hotel dos Atletas.

O Estádio era de iniciativa privada, porém fora chamado de Estádio Municipal pois a Prefeitura de Belém havia doado o terreno para a construção do empreendimento. O

projeto apresentava o estilo Art Decò e possuía semelhanças com o Estádio do Pacaembu, em São Paulo, na linguagem e pela volumetria em forma de anfiteatro (Figura 9).

Figura 9 - Detalhe da perspectiva do projeto para o Estádio Municipal de Belém.



Fonte: Meira Filho (1947b).

Na primeira matéria, o engenheiro Augusto Meira Filho detalha o projeto, destacando a planta de locação do edifício e a razão do terreno escolhido. O estádio fora locado pelo arquiteto David Lopes na praça Floriano Peixoto, à lateral Sul do Mercado de São Brás e se estenderia ao longo da Avenida José Bonifácio, onde haveria área para futura expansão.

Ademais, Augusto Meira explica a escolha da locação do estádio, na qual aproveitara-se a topografia do terreno para economizar no orçamento das estruturas em concreto armado:

Muito lógico, portanto, aproveitarmos a área maior do lado sul para a localização do nosso projeto. O lado norte, ao contrário do primeiro, apresenta inconvenientes de ordem técnica e econômica para essa escolha (...). No sentido econômico, dadas as condições que seriam necessárias à sua adaptação, é complemento impróprio, pois traria uma despesa fantástica [sic] na construção de arquibancadas de estrutura de concreto armado, e, portanto, muito pesaria aos cofres municipais, se tal fosse dado realizar (MEIRA FILHO, 1947a).

É relevante a justificativa da escolha deste terreno, cujo desnível promoveria economia de recursos para a construção das arquibancadas, adotando um formato de anfiteatro.

A seguir, o engenheiro descreve as várias construções do Estádio, iniciando pela entrada principal, onde haveria um “arco côncavo de 35 metros de altura com a estética geral da fachada, passará sob um grande ‘painel’ decorativo e simbólico onde estarão localizadas as bilheteria. No eixo principal também estariam a Escola de Educação Física, os Pórticos e a Torre de Escalada do Estádio. Deste ponto, seguir-se-ia ao Ginásio, com uma comunicação direta à piscina e arquibancadas. Caminhando para o lado sul, o visitante se depararia com “um compartimento especial para Boliche” e, adiante, estaria posicionado o Parque Infantil, com uma “entrada esteticamente original e diretamente da avenida José Bonifácio” (MEIRA FILHO, 1947a). Na direção Leste, estaria o Anfiteatro

com o palco à margem de um lago artificial para festas noturnas de danças clássicas, canto coral e concertos sinfônicos; o autor cita também uma pista de corridas e um campo de futebol.

Além disso, o projeto do Estádio ainda dotaria de um amplo hotel, com salão de festas, terraços, bares e cafés. Próximos ao hotel estariam localizados três campos de tênis com casa de chá, dois campos de basquete e dois de vôlei, longitudinalmente orientados de norte a sul, para, novamente, aproveitar a inclinação do terreno. Estariam locados logo em seguida: hipódromo, estacionamento, cabines para os jóqueis e estábulos. De acordo com a matéria, a área que o Estádio ocuparia seria de 75.000 m², nos quais 44.961 m² seriam ocupados por área morta distribuída pelas diversas construções e 30.039 m² por área viva, distribuída em campos, pistas, jardins, gramados, bosque e hipódromo.

Posteriormente, o engenheiro inicia um discurso sobre a falta de desenvolvimento da cidade, afirmando que Belém passava por um momento de estagnação e abandono, e que projetos como o do Estádio dariam um “novo rumo, uma nova orientação e modificação para melhor” (MEIRA FILHO, 1947a). Augusto Meira afirma que Belém seria o ponto de partida de toda a prosperidade futura da Amazônia, relacionando a relevância da cidade no período da 2ª Guerra Mundial, quando a Amazônia fora posta em voga no cenário mundial novamente com a saída do ostracismo e abandono em que encontrava.

Novamente pode-se observar o mesmo discurso desenvolvimentista e nacionalista encontrado na descrição da Praça Pedro Teixeira, sempre presente nos ideários do engenheiro e demonstrados arquitetonicamente pelos projetos do arquiteto David Lopes. Simbolicamente, a entrada para a Seção de Administração compreenderia uma escada em mármore colorido, situada entre duas áreas ajardinadas, tendo ao centro ‘igaçabas’ com ‘estilização marajoara’, reforçando a referência nativa (MEIRA FILHO, 1947b).

A Residência Otávio Meira

De acordo com relatos de Alcyr Meira, o qual morou na residência desde os 16 anos até sua emancipação, a concepção do projeto era inovadora para a época, apresentando sistemas estruturais e métodos construtivos inéditos em Belém. Esta execução exigiu uma mão-de-obra especializada, ainda incipiente no mercado local. Por isso, para a construção da residência fora contratado um mestre de obras da cidade do Rio de Janeiro, chamado Luís, experiente condutor de obras e um conhecedor nas técnicas mais modernas de acabamento, como: chapiscos em várias gradações, estuques, assentamentos de pastilhas de pedras ornamentais como mármore, granito, encáustica e em rebocos. Este mestre de obras trouxera para trabalhar em conjunto um mestre em gessaria, chamado Mestre Chagas (Figura 10).

Figura 10 - Elevação frontal da residência Otávio Meira, atualmente

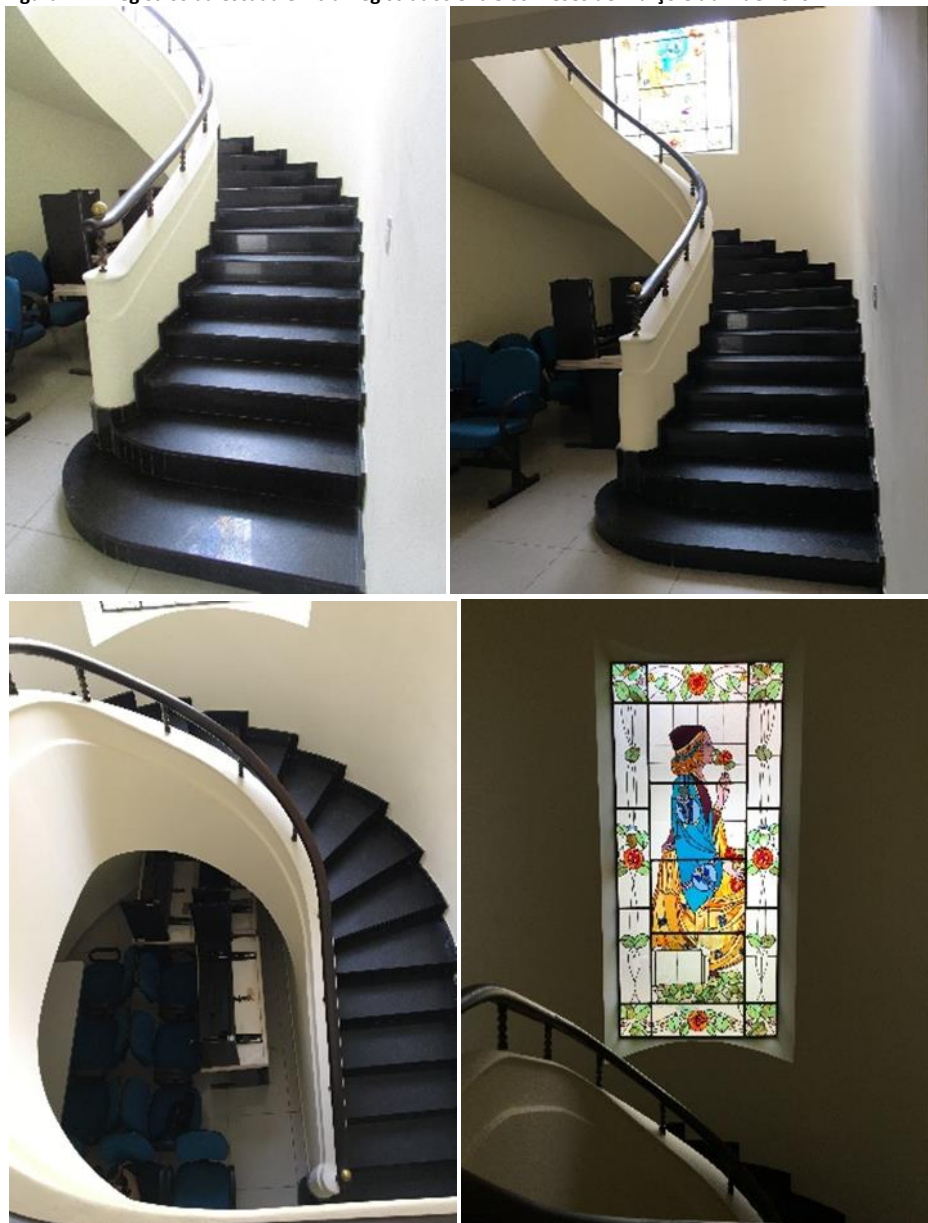
Fonte: as autoras.

Em 1947, a residência foi oficialmente ocupada pela família Meira, localizada na Avenida Nazaré entre as ruas Benjamin Constant e Dr. Moraes, área de grande destaque para a cidade, em virtude de ser o percurso final da procissão do Círio de Nazaré. A casa apresentava recuo frontal, afastamentos laterais e posterior do terreno, pavimentados com lajotas tipo São Caetano, um produto ainda recente no mercado da época. No recuo frontal foi introduzido um jardim, onde estava locada uma fonte e o terreno era cercado por gradis de ferro trabalhados. Haviam duas entradas na casa, um acesso para veículos e outra destinada ao uso de serviço, em parte ladrilhada e gramada. As laterais afluíam para o prédio anexo, aos fundos do terreno, o qual abrigava uma garagem para dois veículos no pavimento térreo, depósito, lavanderia e hall de escada. No pavimento superior da edícula situavam-se os quartos de empregadas e um banheiro para uso das mesmas.

O acesso principal da residência abria-se para um hall que interligava o gabinete à esquerda, a sala de visitas à direita e o hall nobre ao fim, o imóvel contava com janelas basculantes que proporcionavam grande iluminação natural ao gabinete. A sala de visitas era espaçosa e tinha ambientes voltados às atividades sociais, com terraço lateral composto por portões iguais aos do terraço frontal.

A sala, decorada por conjuntos de estofados, mesas de centro e laterais e bibelôs, era utilizada apenas em ocasiões e eventos especiais. O hall nobre, conjunto do hall de entrada e escada, ocupava toda a largura da edificação, havendo seu próprio acesso externo privativo, pelo terraço executado em laje de concreto com formato semicircular. Destaca-se a escada balanceada em leque, revestida por mármore branco de Carrara e resguardada por corrimões em bronze, bem como o vitral em estilo *Art Nouveau*, com temática literária e floral, este, assim como a escada, já com o mármore substituído por granito preto, ainda estão preservados nos dias atuais (Figura 11).

Figura 11 – Registros da escada e vitral registrados entre os meses de março e abril de 2019



Fonte: as autoras.

No vitral, detalhe que guarda a memória dos tempos áureos dos antigos moradores, é possível ler a frase *Gather ye rosebuds*, juntamente com a imagem de uma mulher em meio a flores. O elemento possivelmente faz referência ao poema *To the Virgins, to Make Much of Time*, escrito pelo poeta inglês Robert Herrick. Este poema se inscreve no eixo temático romântico conhecido por *Carpe diem*, abordando temas como desfrutar da juventude e gozar da natureza. Esta poesia inspirou duas pinturas (1908 e 1909) de autoria do pintor inglês John William Waterhouse, uma possível referência imagética do vitral da residência Otávio Meira (Figuras 12 e 13).

Figura 12- Pinturas de John William Waterhouse, óleo sobre tela, 1908 e 1909, respectivamente



Fonte: ARTeBLOG (2019).

Figura 13 - Detalhe do vitral da residência



Fonte: as autoras.

Atualmente, a residência encontra-se reformada pela Prefeitura Municipal de Belém, proprietária da mesma, tendo funcionado anteriormente como Secretaria Municipal de Administração e atualmente servindo com sede do Gabinete do Prefeito, durante as obras de restauro do Palácio Antônio Lemos. Nesta mesma visita, pode-se observar que os revestimentos de piso e parede já não são os originais, bem como o mármore de Carrara da escada também alterado por pedras de granito recentes.

Ademais, foram acrescentadas divisórias em PVC e paredes de *drywall*, aparentemente sem grandes alterações evidentes no partido original da casa. Entretanto, as esquadrias, janelas em quatro folhas adornadas com artísticos medalhões maciços fundidos e portas em duas folhas não são mais encontradas, tendo sido substituídas por esquadrias de vidro. Os nichos abrigando duas estátuas, uma masculina e outra em forma feminina, com cerca de um metro de altura, que antecederiam a escada, foram eliminados. Conserva-se ainda a leitura da fachada principal e o partido geral da antiga residência,

que demonstra uma fusão de gostos requintados ainda ligados a decorativismos ecléticos, aliados a elementos modernizantes como a varanda e alguns revestimentos, como o piso cerâmico.

Conclusão

Para além da verticalização da cidade, a arquitetura inserida na paisagem urbana era portadora de valor estético e sua representação, de valor artístico. Neste contexto, era comum os arquitetos e engenheiros serem exímios e talentosos desenhistas e pintores, alguns até mesmo migravam para a carreira artística, como fora o caso do engenheiro Ruy Meira, o qual tornara-se um proeminente artista plástico entre as décadas de 1950 e 1960, principalmente (MEIRA, 2008). Além disso, os já citados Salões Oficiais de Belas Artes eram o ápice da cultura arquitetônica ligada às artes, onde engenheiros e arquitetos eram premiados juntamente com pintores, desenhistas, escultores, entre outros, ainda que em categorias diferentes.

Conclui-se das análises que, embora o desejo de modernização estivesse no ideário local, ele se manifestava ainda em função de um gosto eclético, com referências ao *Art Nouveau*, *Art Decò*, Neocolonial e eventualmente associado a referências culturais regionais (como os grafismos marajoaras). Daí a predominância do gosto do encomendante sobre o repertório do arquiteto, uma vez que, observando os projetos de equipamentos públicos de David Lopes aqui analisados, em que pese a larga utilização de elementos ecléticos, nota-se a predominância de uma arquitetura considerada mais moderna na época, principalmente aquelas inseridas no contexto da avenida 15 de Agosto, na qual pregava-se a verticalização como sinônimo de desenvolvimento e modernidade. Enquanto isso, na residência Otávio Meira, o arquiteto tendeu a projetar seguindo a linguagem neocolonial, um pouco mais discreta e tendendo às influências do *Art Nouveau* e *Art Decò*, como um resquício do pensamento eclético da época.

Assim, a presença de David Lopes evidencia a complexidade dos fluxos de influência, em que o tradicional e o moderno se combinam na definição da cidade moderna e verticalizada na Amazônia. O entendimento dos discursos e das ideologias subjacentes às propostas arquitetônicas e urbanísticas dos anos 40 servem de referência para pensar a Belém atual, e o valor estruturante da Avenida Presidente Vargas como eixo de modernização, que agoniza em seus edifícios abandonados.

Agradecimentos

As autoras agradecem à Universidade Federal do Pará pela bolsa de iniciação científica concedida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPA) a Beatriz Maneschy no período de agosto de 2018 a julho de 2019, a qual contribuiu para as pesquisas apresentadas neste artigo.

Referências

ALBERTO, Klaus Chaves. Francisco Baptista de Oliveira e a noção de Urbanismo. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte, v. 23, n. 32, mar. 2017. ISSN 2316-1752. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/14359>. Acesso em: 12 jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2016v23n32p136-149>.

ARTEBLOG. **Análise da pintura “Gather Ye Rosebuds While Ye May” de John William Waterhouse**. 6 abr. 2019. Disponível em: <https://www.arteblog.com/2019/04/analise-da-pintura-gather-ye-rosebuds.html>. Acesso em: 9 jul. 2021.

BISPO, Raphael. Selecionar, disputar e conservar: práticas de comunicação social e constituição da memória nacional pelo Iphan. **Revista CPC**, n.11, p. 33-59, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.voi11p33-59>.

AZEVEDO, Felipe Moreira. **A linguagem Arquitetônica Tradicionalista: Estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

BRITO, Eugênio Leitão. **Os Portugueses no grão Pará**. Belém: Conselho da Comunidade Luso-brasileira do Pará, 2000.

CHAVES, Celma; MIRANDA, Lana. Avenida Presidente Vargas: Onde Belém foi mais moderna. Um estudo sobre a verticalização da Avenida Presidente Vargas. In: SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA. 1, 2016, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: UFMA, 2016.

CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **Isto não é para nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

FERREIRA, Anete Costa. **Pedro Teixeira – uma aventura épica na Amazônia**. Lisboa: Ésquilo, 2013.

GOMES, Elane Cristina Rodrigues. **Vida material: Entre casas e objetos, Belém 1920-1945**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

IMPONENTE edifício será construído na Av. 15 de Agosto para a agência do Loide. A Província do Pará, Belém, p. 8, 2 nov. 1948.

JORNAL DO BRASIL. **Notas Sociais**. Rio de Janeiro, 27/12/1944, p. 8.

KESSEL, C. Estilo, discurso, poder: arquitetura neocolonial no Brasil. **História Social**, n. 6, p. 65-94, 1999. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/179>. Acesso em: 6 jul. 2021.

MEIRA FILHO, Augusto; LOPES, David. Praça “Pedro Teixeira” Motivos de sua existência Razões de seu projeto. *Jornal A Folha do Norte*, Belém, p. 11, 3 nov. 1943.

MEIRA FILHO, Augusto. Um esboço rápido do majestoso plano. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 12 out. 1947a.

MEIRA FILHO, Augusto. Um esboço rápido do majestoso plano - A Escola de Educação Física. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 19 out. 1947b.

MEIRA FILHO, Augusto. Rápido esboço do majestoso plano O Ginásio. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 26 out. 1947c.

MEIRA FILHO, Augusto. Rápido esboço do majestoso plano O Hotel dos atletas. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 2 nov. 1947d.

MEIRA FILHO, Augusto. Rápido esboço do majestoso plano. **A Província do Pará**, Belém, p. 8, 9 nov. 1947e.

MEIRA, Maria Angélica Almeida de. **A arte do fazer: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará dos anos 1940 a 1980**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, FGV, Rio de Janeiro, 2008.

MELLO, Fabio de Assis. **A verticalização em Belém do Pará: um estudo das transformações urbanas e arquitetônicas em edifícios residenciais multifamiliares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PARÁ. GOVERNO DO ESTADO. Catálogo do VIII Salão Oficial de Belas Artes, Belém, 1947.

SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2002.

SARQUIS, Giovanni Blanco; CAMPOS NETO, Candido Malta. A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, Mackenzie. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 29-51, 2003. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/5983>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SILVA, Leonor Cabral Matos. **Cultura Arquitetônica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Técnica de Lisboa/Faculdade de Arquitectura, Lisboa, 2011.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SOCIEDADE ARTÍSTICA INTERNACIONAL. **Catálogo do I Salão Oficial de Belas Artes**, Belém, 1940.

TUTYIA, Dinah R.; MATOS, Ana Léa Nassar. SEAD - Estudo de Caso de uma Edificação de Linguagem Modernista em Belém do Pará In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VIDAL, C. C. P. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.], n. 8, p. 145-163, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.voi8p145-163>.

1 Cybelle Salvador Miranda

Arquiteta e urbanista. Doutora em Antropologia. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Endereço postal: Cidade Universitária José da Silveira Netto, Rua Augusto Corrêa nº 1, Guamá, Belém, PA – Brasil. CEP: 66075-110

2 Beatriz Martins Maneschy

Arquiteta e urbanista. Mestranda junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Endereço postal; Cidade Universitária José da Silveira Netto, Rua Augusto Corrêa nº 1, Guamá, Belém, PA – Brasil. CEP: 66075-110.